

# CLÍNICA DA ADOLESCÊNCIA

*Edna Maria Porto*

Parece-me legítimo esperar que o título de um trabalho seja a chave para um acesso direto ao texto que se seguirá.

Pensando esta expressão - Clínica da Adolescência - aqui funcionando como título, concluo que forneço algo que poderia ser qualificado como um acesso enganoso

Todavia, é indispensável lembrar que estamos no campo da palavra, no qual verdade e engano são complementares e não excludentes.

Escolher a via do engano como ponto de partida funda-se no propósito de apontar nesta expressão tão corriqueira, o rigor dos conceitos psicanalíticos.

Infância, adolescência, maturidade, velhice. Segmentar a vida como método de reflexão é invenção antiga.

Pensar sobre a vida do indivíduo dividindo-a em períodos demarcados é algo presente já nos primeiros escritos gregos.

Pensar a vida fazendo uma rigorosa tentativa de mapeamento do que constituem as operações institutivas de cada uma dessas “etapas”, apontando diferentes e minuciosas significações para os elementos ativos aí presentes e os “ritos de passagem” que conduzem de uma “fase“ a outra é uma tarefa a que se dedicaram e se dedicam as mais diversas ciências humanas.

Tomada neste conjunto a adolescência aparece como vértice de um perene esforço de elaboração que aponta, com muita clareza, não só para a importância dada ao modo como se atravessa esse tempo da vida e ao que aí se cristaliza como definitivo mas, também para a complexidade dos elementos e dos movimentos que aí se efetuam. Trata-se para essa linha de pensamento, de tomar o sujeito como produto histórico de uma integração bio-psico-social e suas inter-relações.

Este é, em linhas muito gerais e certamente reducionistas, o sujeito com que se

ocupam a psicologia, a pedagogia, a medicina, etc.

A psicanálise faz aí um corte apontando importantes e definitivas distinções. Este corte inaugura-se com o conceito de inconsciente. Esta invenção freudiana tomada em seu rigor destaca-se radicalmente daquilo que costumamos chamar de consciente. Inconsciente não é o que se opõe a consciência guardando com ela uma relação de simetria. Inconsciente não é o que pode e/ou deve vir a ser consciente. O inconsciente, para Freud, aponta ao nível do discurso para uma “outra cena” que comparece à fala de forma velada, essencialmente ocultada, ocupando aí o lugar de causa. Disto se depreendem redirecionamentos importantes no tocante aos conceitos de sujeito e de corpo.

Se o inconsciente, estruturado como linguagem, ocupa lugar de causa o sujeito não pode ser tomado senão como produto do jogo simbólico marcado pela evanescência própria ao que é da ordem do significante. Sujeito constituído enquanto inconsciente e descentrado de uma temporalidade diacrônica.

Seguindo esta linha, o corpo não guarda uma relação de coincidência com a anatomia e a fisiologia e as leituras desenvolvimentistas, evolucionistas daí decorrentes. O corpo para a psicanálise é corpo erotizado. É o corpo do sentido trivial, popular, “tal como se desenha embaixo dos vestidos”.

É então impossível para a psicanálise debruçar-se sobre a questão da adolescência sem pagar o preço de afastar-se daquilo que para ela se constituem conceitos fundamentais?

Apesar de Freud não ter jamais mencionado a palavra adolescente em seus escritos, em sua obra encontramos cuidadosamente construídos os parâmetros que nos sustentam a cada vez que somos procurados por pais inquietos diante dos embaraços e ou sofrimentos que a vida de seus filhos os coloca. Esta é aliás, uma outra peculiaridade na escuta do adolescente - na maioria das vezes ele vem trazido pelos pais - afastando-se essa demanda daquela que constitui a cena clássica da análise restrita a analista e analisante.

Freud, ao longo de todo o seu trabalho de construção da teoria e da técnica da psicanálise, não afastou-se do imperativo de escutar os movimentos da fala enquanto produtora e reveladora das operações inconscientes referindo-as sempre ao complexo de Édipo. Esta é a bússola que desde Freud e com Lacan norteia e rege a escuta analítica, seja qual for a idade da pessoa que procura o analista.

A adolescência é um tempo da vida aguardado pelas crianças com declarada ansiedade, como a chegada a um momento em que se modificam as negociações com os pais, tendo como aspirações básicas mais ou menos garantidas, o aumento da autonomia e da liberdade. É chegada a hora da tão sonhada autorização, por bem ou por mal, para alguns atos até então apenas imagináveis.

Movimentos que se expressam nas roupas extravagantes, nos esportes radicais, na música metálica, no início dos contatos sexuais, nas gírias e expressões lingüísticas próprias a este tempo, nas previsíveis e imprevisíveis transgressões. Enfim, o tempo da construção de um campo de atividades que possa marcar e demarcar uma quase que simétrica oposição ao modo de vida dos pais.

Para os pais, a adolescência dos filhos é aguardada com ansioso temor. Pois, para eles, toda *Juventude* será *Transviada*. O filho adolescente é antevisto e visto como aquele que vai desobedecer, contestar, rebelar-se. É como se todos os limites fossem postos em questão.

O atrito narcísico que é vivido nessa composição imaginária aponta no plano simbólico para algumas operações no percurso do Édipo.

O Édipo como operação psíquica constitutiva do sujeito se produz em tempos lógicos. E é a partir dos tempos lógicos do Édipo que a psicanálise pode situar-se em relação aos momentos de uma vida.

Deste lugar é possível reconhecer que o adolescente está tomado na cena edípica - juntamente com seus pais - operando com elementos extremamente perturbadores para todos.

Penso que nesse momento de complexização do sujeito algo se passa como

“deslizamento de sentido do Ideal”.

Segundo Lacan o próprio deslizamento do sentido desse par de significantes, eu e ideal, traduz algo de absolutamente diferente, numa verdadeira implicação subjetiva.

Na medida em que nem os pais, nem os filhos, conseguem manter uma espécie de simetria narcísica, as feridas aí produzidas no narcisismo do adolescente revertem em ganho subjetivo enquanto constituição do sujeito, como deslocamento do ser para o ter.

Certamente que também do lado dos pais algo dessa operação de reestruturação narcísica se passa na medida em que deixa de ser possível transferir aos filhos a realização de aspirações que enfim encontram um termo a partir do qual se revelam em sua radical dimensão de falta. Os elementos relativos a castração aí reeditados apontam para a grande dificuldade dessa operação.

Neste ponto, é necessário destacar que o movimento que aí se estabelece é da ordem de uma dialética entre o amor e a morte.

No entanto o caráter não amestrável, irreduzível, do desejo humano marcado por essa imperiosidade obscura nos exige complexizar o tratamento dado as questões que a experiência analítica nos permite enunciar.

A clínica da Psicanálise não é uma clínica voltada para o tratamento de sintomas ou que se fixe em especificidades históricas. Quando falamos em clínica psicanalítica, está posto de antemão o que disso comporta de referência à estrutura, enquanto conjunto de operadores em torno dos quais a função do analista se engendra como mais um, seguindo o movimento dialético do discurso tecido onde a singularidade é a marca radical.

A associação livre nos dá acesso a esse discurso, porque é como linguagem que se fazem conhecer os efeitos do inconsciente. Tanto os sonhos, como os chistes e sintomas não se concebem sem o recurso às formas retóricas, aos tropos e às figuras de linguagem.

E se é assim que a fala se oferece à escuta, também dizemos que o nó que a sustenta e a conduz remete ao Édipo, e seus tempos. A versão que a fala produz é referida ao Édipo, num movimento que revela e produz.

Pois, se no movimento da fala constatamos a todo momento a atemporalidade do inconsciente, a própria cadeia discursiva em seus movimentos diacrônico e sincrônico revelam que a constituição de um sujeito pelo significante advém de uma estrutura lógica e temporal, relativa a identificações que vão se apurando desde o estágio do espelho e atravessando o Édipo. A lei da castração aí se inscrevendo e exercendo-se pela presença do Outro.

Para a psicanálise a questão do tempo histórico é da ordem da metonímia e trascorre pela via do objeto, na diacronia da mensagem, sendo sua leitura possível na dimensão metafórica, enquanto sincronia do discurso.

Desconhecer isso seria negar o lugar do Eu na organização subjetiva e a função do imaginário na amarração da estrutura.